



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

JOEL GUEDES DE SOUSA

**ANÁLISE DO DISCURSO VERSUS MÍDIA: a representação
feminina no discurso da presidente da república**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

JOEL GUEDES DE SOUSA

**ANÁLISE DO DISCURSO VERSUS MÍDIA: a representação
feminina no discurso da presidente da república**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação Língua Portuguesa.

Orientador (a): Prof^ªDr^ª Maria de Lourdes da Silva Leandro

CAMPINA GRANDE – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S725a Sousa, Joel Guedes de.
Análise do discurso versus mídia [manuscrito]: a representação feminina no discurso da presidente da república./ Joel Guedes de Sousa. – 2012.

37 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação- CEDUC, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Maria de Lourdes da Silva Leandro, Departamento de Letras”.

1. Análise do discurso. 2. Mídia. 3. Efeitos de sentido. 4. Representação feminina. 5. Política. I. Título.

21. ed. CDD 401.41

JOEL GUEDES DE SOUSA

ANÁLISE DO DISCURSO VERSUS MÍDIA: a representação feminina no discurso da presidente da república

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação Língua Portuguesa.

Aprovada em 27/06/2012

INTRODUÇÃO

Maria de Lourdes da Silva Leandro NOTA 10,0
Prof.^ª Dr.^ª Maria de Lourdes da Silva Leandro / UEPB
Orientadora

Antonio de Pádua Dias da Silva NOTA 9,5
Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva / UEPB
Examinador

Roberta Soares Paiva NOTA 9,5
Prof.^ª Me. Roberta Soares Paiva / UEPB
Examinadora

ANÁLISE DO DISCURSO VERSUS MÍDIA: a representação feminina no discurso da presidente da república

SOUSA, Joel Guedes de¹

RESUMO

Sabendo que os discursos são representações da realidade e se materializam no dizer, inserindo-se na história, buscamos na mídia o foco para este trabalho. A Presidente Dilma Rousseff, eleita pelo povo brasileiro no ano de 2010, com intuito de dar continuidade à política do PT (Partido dos Trabalhadores), assume um governo que sempre teve em seu comando um homem, em um período de desestabilização da economia mundial, mas com um Brasil economicamente sólido. E, para manter essa política estabilizada, o governo precisa de uma equipe bem estruturada. Devido a isso não acontecer, a mídia, com seu poder informativo, revela todos os desmandos de corrupção desse governo, que não para de trocar de ministros. Nesse contexto, este trabalho traz como *corpus* um recorte de uma entrevista concedida pela Presidente Dilma Rousseff a uma repórter da Rede Globo de televisão, em setembro de 2011. Tendo como referência a contribuição de conceitos da Análise de Discurso, como formação discursiva e posição-sujeito, a análise desse artigo objetiva interpretar os efeitos de sentidos de duas ordens de discurso em confronto: o da mídia e o da presidência. Dados da análise já evidenciam que os discursos, produzidos face aos lugares ocupados pelo sujeito em interlocução, evidenciam uma relação claramente histórica sobre a representação da mulher.

PALAVRAS-CHAVE:Análise do discurso. Mídia. Efeitos de sentido. Representação feminina. Política.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil, nos últimos anos, tem se revelado um país em crescente desenvolvimento e o cenário político também vem acompanhando essa mudança. Hoje somos governados por uma mulher e, se os discursos políticos eram voltados apenas para os homens, agora contam com mais ênfase com uma representação feminina, no lugar de poder, principalmente quando é evidenciada pelos meios de comunicação.

Os brasileiros sempre esperam o que a mídia trará a respeito desse sujeito mulher que governa o país. Por outro lado, são poucas as entrevistas concedidas por ela, visto que se resguarda e é tida como autoritária pela imprensa. Conseguir uma entrevista com a presidente não é nada fácil; é preciso sempre recorrer a um meio de poder e influência para realizar tal façanha. Em nosso país, como sabemos, existe uma disputa entre alguns canais de televisão aberta, e as emissoras que se destacam são: Band,

¹Graduando em Letras com habilitação em Língua Portuguesa
E-mail: joel-guedes@hotmail.com

Globo, Record, RedeTV e SBT. Elas buscam prender o telespectador para superar a audiência umas das outras.

Seus programas de televisão são dinâmicos e com várias atrações, o telejornalismo em algumas delas é tradicional. Assim, o programa dominical *Fantástico* da Rede Globo, é um exemplo de noticiário informativo, conhecido como revista eletrônica semanal que traz notícias, reportagens e entrevistas. Os entrevistados vão desde pessoas populares até celebridades, envolvendo temas variados como política, educação, saúde, cidadania, esportes, entre outros.

Completando nove meses de governo, a Presidente Dilma Rousseff é convidada por esse programa para uma entrevista, cujo cenário seria sua casa e seu local de trabalho. Nada mais clássico para um modelo presidencial feminino. Com ênfase na Análise de Discurso de base francesa, procuramos compreender os discursos produzidos nessa situação específica, o que permite evidenciar uma questão problema: Por que mostrar a presidente dessa forma e não de outra, já que são tantas as opções? E motivados por essa questão, nos deteremos em dois recortes da entrevista que focalizam a presidente, mulher, na sua residência (Palácio da Alvorada) e no seu local de trabalho (Palácio do Planalto).

Sabendo que os discursos se materializam no social através do dizer, acompanhamos a reportagem de capa da referida revista eletrônica, que diz: "Controle do gasto público jamais se encerra", afirma Dilma. O tema nos leva a acreditar que a reportagem se deteria ao controle de gastos públicos, mas não foi focalizado apenas esse ponto, como já frisamos anteriormente. É tanto que a reportagem explora duas posições-sujeito da personagem em evidência. Nesse movimento do discurso, na enunciação, nos foi possível visualizar os efeitos de sentido que a mídia é capaz de produzir. A Análise de discurso (AD) é um campo teórico que, ao investigar as condições de produção do(s) sentido(s), vem nos mostrar que os sujeitos, por serem sociais e usarem a materialidade linguística, se inserem na história.

Considerando a questão problema que motiva nossa análise, fundamentada na teoria de Análise de Discurso, temos como objetivo geral refletir acerca do lugar social da mídia como produtora do discurso da “verdade”, instaurando-se como defensora do poder de formadora de opinião pública.

Como objetivos específicos, pretendemos: a) Interpretar os discursos produzidos pela mídia ao interagir com a Presidente da República; b) Interpretar os sentidos do discurso da Presidente da República, em confronto com o discurso da mídia; c) Analisar

as posições do(s) sujeito(s) na enunciação, considerando as condições físicas e sócio-históricas em que se encontram os sujeitos envolvidos na situação comunicativa.

Esse trabalho de análise teórico-aplicada se organiza com as seguintes etapas: Introdução, que apresenta uma visão geral das condições sócio-históricas dos sujeitos, do tema definido, dos objetivos e da questão problema; Fundamentação teórica e Análise do recorte da entrevista da presidente Dilma Rousseff ao Fantástico, encerrando com as considerações finais e as devidas referências bibliográficas.

2. CONTEXTO TEÓRICO E SÓCIO-HISTÓRICO

2.1 Contribuições teóricas da Análise de Discurso

A Análise do Discurso teve início na década de 1960, precisamente na França, tendo como precursor Michel Pêcheux. Seu projeto sintetiza-se em três épocas (AD1, AD2 e AD3). Em Fernandes (2007), observamos que a primeira época foi compreendida como um conjunto de discursos produzidos em um dado momento. Já a segunda apresenta a noção de formação discursiva e a terceira opera-se na desconstrução da noção de maquinaria fechada.

Ao falarmos em discurso, é importante considerarmos os elementos que têm existência no social, as ideologias, a História. Segundo Fernandes (2007, p.20), podemos afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações sociais e políticas de toda natureza, que integram a vida humana.

Para Fernandes (2007, p. 17), é muito comum em nosso cotidiano ouvirmos falar em discurso, principalmente quando nos referimos a pronunciamentos políticos, a um contexto construído a partir de recursos estilísticos mais rebuscados, a um pronunciamento marcado por eloquência, a uma frase proferida de forma primorosa, e muitas outras situações de usos da língua em diferentes contextos sociais. Assim podemos nos referir a discurso como sendo as diversas formas de se dizer alguma coisa em algum lugar e em um determinado momento da história.

O ponto de partida da Análise de Discurso (AD) é o próprio discurso. E, para que o discurso tenha uma existência material, necessita de elementos linguísticos, ou

seja, para Fernandes (2007, p. 18), esses são aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando são pronunciadas.

Orlandi (2004, p. 36) lembra que a análise do discurso trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o linguístico e o histórico, enquanto indisociáveis no processo de produção de sujeito do discurso e dos sentidos que (o) significam, permitindo dizer que o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído. E, ao se falar em exterioridade, é possível inferir que é através da linguagem que o sujeito se materializa, produzindo discurso.

Ao considerar a língua sob a ótica do funcionamento e da produção de efeitos de sentido, Dantas (2007, p.19) nos diz que a língua é uma ordem que toca o equívoco, a falha, e está sujeita à interpretação, porque funciona duplamente como material simbólico e histórico. Assim, o autor assevera que o simbólico é a conjunção do sujeito que a usa, do texto que a veicula e dos discursos transversos que a constituem.

Quando usamos a linguagem nos diferentes contextos sociais, uso da escrita ou da fala, muitas vezes ocorre de não haver a significação do texto. E, portanto, devemos perceber que a língua não cumpre apenas a função de expressar pensamentos ou como instrumento de comunicação. Ela funciona no entremeio do discurso, que a torna um discurso de prática social, conforme Dantas (2007, p. 46).

2.1.1 Formação Ideológica, Formação Discursiva, Interdiscurso

O discurso tem como propósito significar o homem através do dizer; portanto, é um movimento produzido em função do outro, que tem representação no social. Assim, analisar o discurso, segundo Fernandes (2007, p. 21), implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. É importante percebermos que é pelo discurso que os efeitos de sentido se evidenciam, e, para Fernandes (2007, p. 21), esses sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelo sujeito em interlocução. Por isso, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar sociocultural daqueles que a empregam.

Visto que a subjetividade permite compreender como a língua acontece no homem, Orlandi (2005, p. 99) nos informa que o sujeito na análise de discurso, é posição, na qual podemos observar os sentidos possíveis que estão em jogo, pois sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da história, em que entram o imaginário e a ideologia. Ainda segundo Orlandi (2005), a ideologia interpela o

indivíduo em sujeito e este se submete-se à língua, significando e significando-se pelo simbólico na história. Enfatiza a autora que se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na história, e outro modo de dizer é que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, colocando-se na origem do dizer.

Diante do exposto, compreendemos que a língua se instaura na história com o intuito de produzir sentidos. Nesse caso, Orlandi (2005, p.104) destaca que a determinação da história na constituição dos sentidos e do sujeito tem uma forma material concreta distinta nas diferentes formas sociais. É tanto que Dantas (2007, p.48) enfatiza que, para termos efeitos de sentido, é necessário que tenhamos toda uma interdiscursividade que atravesse as palavras, os enunciados e os textos enquanto memória, para os sujeitos, de sua formação discursiva, do lugar de onde ele diz o discurso.

A partir do momento em que observamos os discursos em sua pluralidade de sentidos, podemos fazer uma reflexão sobre os enunciados, pois sabemos que as palavras são usadas de forma que podem revelar as posições ideológicas do sujeito, e têm representatividade dependendo de quem enuncia, em que momento enuncia e de que forma se enuncia. Assim, sobre os diferentes discursos, Fernandes (2007, p. 22) nos diz que a língua se insere na história (também construindo-a) para produzir sentidos, em que a seleção das condições de produção insere o sujeito em uma formação discursiva (FD).

Entretanto, vivemos em uma sociedade multicultural, de lugares e regiões distintas que, de certo modo, têm influência no dizer do homem. E por esse ponto de vista, Dantas (2007, p.52) enfatiza que:

Todo e qualquer indivíduo, falante de uma língua natural, desenvolve-se, intelectualmente, num ambiente cultural e recebe deste, em seus aspectos sociais, históricos, políticos, religiosos, jurídicos, sua maneira de pensar, agir e atuar sobre o mundo. O problema é que esses universos culturais não são únicos e se desenvolvem heterogeneamente em sociedades e regiões. São destes diferentes lugares culturais que cada falante diz seu discurso. Há dois fatores que complicam essa ideia de “falar” a língua: uma única pessoa pode dizer o discurso de vários lugares ou pode assumir discursos de lugares em conflito. Um professor nordestino de literatura fala com os valores de sua região geográfica, mas também com seus conhecimentos de erudição, o que se pode constituir num discurso de assimilação que atribui valores iguais a literatura de cordel e àquela, denominada “erudita canônica”, mas também pode-se constituir num discurso de conflito em que o sujeito se apresenta contraditoriamente, num determinado espaço defende a literatura de cordel e noutro, defende a literatura canônica.

Nesse caso, fica compreensível que os discursos, quando proferidos em lugares diferentes, passam a ocupar determinado espaço, cuja verdade será a marca do seu dizer, ou seja, o sujeito configurou seu conceito a partir de outros, mostrando que não é único, e sim heterogêneo.

Com base em Fernandes (2007), percebemos que é nesse entrecruzamento de diferentes discursos e formações ideológicas que se constitui a formação discursiva, que seguindo o exemplo de Dantas (2007), se caracteriza, por exemplo, pela defesa da literatura de cordel em um determinado espaço e defesa da literatura canônica em outro.

O discurso toma a língua materializada em forma de texto, forma linguístico-histórica, sendo ele o objeto. Dessa forma, conseguimos entender que as palavras têm sentido por estarem em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inserem. Podendo haver, como já mencionado, uma efervescência entre o cruzamento de diferentes discursos e formações ideológicas responsáveis por constituir uma formação discursiva, (FERNANDES, 2007, p. 50).

Assim, Pêcheux (1988 apud DANTAS 2007, p. 53) menciona a relação entre ideologia e discurso, afirmando que:

As formações ideológicas “comportam uma ou mais formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulando sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. Diremos então que toda formação discursiva deriva de condições de produção específicas”.

Assim, toda formação discursiva apresenta, em seu interior, a presença de diferentes discursos. E, conforme Fernandes (2007, p. 51), para a Análise de Discurso, o envolvimento de diferentes discursos e transformações sociais, que se integram aos processos de formação e transformação sociais, próprios da existência do homem, denomina-se interdiscurso. Dantas (2007, p.73) também menciona o interdiscurso, pontuando que a fala de todo e qualquer sujeito é perpassada por dizeres de outro lugar e outros sujeitos. Enfatiza que a FD produz a ilusão, para o sujeito, de que tudo o que está dito origina-se dele mesmo e significa o que ele quis dizer. E, segundo Pêcheux (1988 apud DANTAS, 2007, p.74), o interdiscurso fornece a cada sujeito o que ele pode

e deve dizer, um conjunto de evidências e de significações percebidas, aceitas, experimentadas.

O discurso, por procurar saber o que está entre a língua e a fala, encontra-se na exterioridade, no meio social. Portanto, para Orlandi (2004, p. 39), é no discurso que o homem produz a realidade com a qual ele está em relação. E a noção que trabalha a exterioridade discursiva (ou exterioridade constitutiva) é a de interdiscurso. Conforme a mesma autora referenciada em Dantas (2007, p. 75), o interdiscurso só se realiza quando o falante mergulha numa alienação enunciativa, na qual as origens do dizer se apagam em favor de uma crescente apropriação da fala dos outros, como se o próprio sujeito as produzisse.

E, como efeito do interdiscurso, tem-se o intradiscurso, que se realiza no espaço da enunciação, ou seja, nas atribuições a diferentes versões sobre o que dizemos ou pretendemos dizer ou escrever. Esses vários sentidos que aparecem de repente no dito, através de palavras impróprias, enunciados que não dizem o que a gente quis dizer, se relacionam ao interdiscurso, (DANTAS 2007, p. 79-80). Esse mesmo autor reporta que Orlandi entende intradiscurso a partir da defesa de que o texto, tanto o oral quanto o escrito, traz em si suas diferentes versões, isso porque é uma formulação ou atualização da memória do dizer.

2.1.2 Interpretações: lugar ideológico

No contexto da Análise de Discurso, para analisarmos um texto, visualizamos sua historicidade e o modo de produzir sentidos. Temos, assim, que o objetivo da AD é analisar/conferir como o discurso funciona, por ser este uma unidade complexa. Segundo Orlandi (2004, p. 59), o texto é heterogêneo: 1) Quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos: imagem, grafia, som, etc.; 2) Quanto à natureza das linguagens: verbal, escrita, não-verbal, etc.; 3) Quanto à posição do sujeito. 4) Quanto à diferença em termos de formações discursivas (FD).

Já Fernandes (2007, p. 39) enfatiza o conceito de heterogeneidade discursiva sob o enfoque da linguista Jacqueline Authier-Revuz, trazendo a noção de heterogeneidade sob duas formas. *Heterogeneidade constitutiva*, sendo a condição de existência dos discursos e dos sujeitos e *heterogeneidade mostrada*, em que a voz do outro se

apresenta de forma explícita no discurso do sujeito, podendo ser identificada na materialidade linguística.

Se é no texto que o sujeito de discurso instaura o discurso, o(s) sentido(s) (e se)(constrói) historicidade, esse processo se dá na medida em que o sujeito trabalha a relação da *heterogeneidade constitutiva* com a *heterogeneidade mostrada*. Essa relação constrói o movimento da interpretação. E, para Orlandi (2004), o sentido é uma questão aberta, porque o texto é multidirecional enquanto espaço simbólico.

Como bem informa Orlandi (2004), o gesto de interpretação é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio, pois interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é “materializada” pela história, tem uma direção, que é chamada de política, em que ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre a linguagem e o mundo. Com base em Pêcheux (1975), essa estudiosa confere que os sentidos só se instauram a partir das FDs, ou seja, as palavras, expressões, proposições recebem seus sentidos das formações discursivas nas quais se inscrevem. Ainda segundo a mesma autora, o lugar do sentido, lugar da metáfora, é função da interpretação, espaço da ideologia.

Assim, segundo Orlandi (2004), a ligação entre o que faz um homem um ser simbólico e o homem como ser histórico está na interpretação. De um lado, temos sujeitos falantes buscando sentido e, de outro, o homem sentenciado a significar. E, ao falar sobre esses gestos, a autora esclarece a noção de “arquivo” ou “discurso textual”. Segundo ela, todo sujeito “recorre” a um “arquivo”, aos discursos textuais.

Visto que todo sujeito tem seu “discurso textual”, Orlandi (2004) entende que em todo discurso podemos encontrar a divisão do trabalho, no que diz respeito à interpretação, distribuído pelas diferentes posições do sujeito: o padre, o professor, o gerente, o líder sindical, o líder partidário, etc. Sendo assim, essa relação pode ocorrer tanto em textos falados como em textos escritos que trabalham essa divisão, mostrando que os sentidos não estão soltos, e, sim, administrados pelo sujeito de discurso. Nesse caso, podemos citar, como modo de circulação das interpretações, a mídia, que é um grande evento discursivo do modo de circulação da linguagem, (cf. ORLANDI, 2004, p. 96).

Para Orlandi (2004, p. 48), a ideologia é uma prática significativa, não consciente, pois é efeito da relação com a língua e com a história em sua relação necessária, para que se signifique. Por sua vez, o sujeito é lugar historicamente (interdiscurso) constituído de significação. E, como um dos aspectos da incompletude e

da abertura do simbólico, está o dizer, que se insere na história. Assim, a linguagem também não é transparente, nem o sentido é evidente.

No domínio discursivo, o sujeito é uma “posição” entre outras, e é por esse motivo que a linguagem não é transparente nem o sentido é evidente. Se, de um lado, na língua, tem-se a forma empírica (“pata”), a forma abstrata (p/b) e a forma material (linguístico-histórica, ou seja, discursiva), em relação ao sujeito, tem-se, em contrapartida, o sujeito empírico (sociológico), o sujeito abstrato (ideal) e o que chamamos de a “posição” sujeito, (ORLANDI, 2004, p.49). Esta pesquisadora e Dantas(2007, p. 104), ao citarem Pêcheux, dizem que esse sujeito que se define como “posição” é um sujeito que se produz entre diferentes discursos, numa relação regrada com a memória do dizer (o interdiscurso), definindo-se em função de uma formação discursiva na relação com as demais.

Para Orlandi (2004), em análise de discurso é preciso relacionar organização e ordem, já que a argumentação é vista no processo histórico em que as posições de sujeito são constituídas. Conforme a estudiosa, nesse caso, temos que as filiações ideológicas já estão definidas e o jogo da argumentação não afeta as posições dos sujeitos. Assim, podemos falar que os argumentos (por exemplo, falar a favor dos pobres) são produzidos pelos discursos vigentes, em sua relação histórica (politicamente, ideologicamente) determinados, sendo que os argumentos são derivados das relações de discursos, (cf. ORLANDI, 2004).

Segundo Dantas (2007), em termos de autoria, temos historicamente duas posições, aquela que diz ser o autor todo-poderoso e origem da obra, ou seja, o autor tem preferência sobre o texto, e outra que diz ser o autor construído na e efeito da linguagem, onde o texto tem preferência sobre o autor. Com fundamento nesse conceito, temos que o autor é o detentor do poder e, se é exercício do poder, logo se transforma em saber. Como bem salienta Foucault (2007, p.80), referenciado na Revista Anagrama (2011), “O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder.”

Dantas (2007) ressalta que a partir do momento em que não mais entendemos autor como aquele que produz o texto e leitor como aquele que o recebe, passamos a entender a autoria como lugar onde se interpretam os sentidos do texto; a região onde o texto é discurso. Assim, compreendemos que a interpretação tem suas formas e condições; ela não se dá da mesma maneira nos diferentes momentos da história. Estabelece Orlandi (2005) que o sujeito possui modo de interpelação diferente.

O sujeito moderno – capitalista – é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado (pela exterioridade) e determinador (do que diz): essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito a direitos e deveres) e de sua coerência (não contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de (por) sua vontade. Não só dos outros, mas até de si mesmo. Bastando ter poder... (ORLANDI, 2005, p. 104).

Orlandi (2004, p. 149) enfatiza que a análise de discurso teoriza a interpretação em um sentido forte, interrogando a interpretação. Nesse sentido, é fundamental pensar a relação da língua e da ideologia, pois, para a Análise de Discurso, a língua, enquanto sistema sujeito a falhas, se inscreve na história para significar.

2.2 Acontecimentos sócio-históricos: a mulher na política brasileira

O discurso acompanha as transformações sociais de modo que resulta na produção de outro discurso. Esse processo de interação é chamado de prática discursiva. Assim, Fernandes (2007, p. 54) reitera que uma formação discursiva nunca é homogênea, é sempre constituída por diferentes discursos.

A história sobre movimentos feministas demonstram que o papel da mulher está voltado a uma série de conquistas e acontecimentos que marcaram a sociedade. No Brasil, a participação das mulheres na política se deu apenas no ano de 1933, em que elas tiveram o direito de participar das eleições como eleitoras e candidatas. Hoje ainda temos pouca representação feminina nesse meio. Mas, é apenas no século XXI que o Brasil elege como representante da nação uma mulher, que chega ao poder após ser eleita no segundo turno no dia 31 de outubro de 2010.

Candidata pelo PT (Partido dos Trabalhadores), Dilma Rousseff disputava as eleições com José Serra, representante do PSDB (Partido Social da Democracia Brasileira), ganha de um homem e passa a ser a primeira mulher chefe de Estado e de Governo na história brasileira. Isso mostra o quanto a mulher vem exercendo um papel de destaque na sociedade, a ponto de estar representada em diversos cargos que eram ocupados unicamente por homens. Como observamos, as lutas e os desafios da política brasileira, com representação feminina, só ganham evidência em meados do século XX, visto que a participação feminina passa a ser essencial nas mudanças e fortalecimento

dessa classe. Assim, historicamente, as mulheres brasileiras se instauraram na política, e segundo o site “suapesquisa.com”, elas conquistam:

1- Em 1933, Carlota Prereira de Queirós tornou-se a primeira deputada federal brasileira; 2- Em 1979, Eunice Michiles tornou-se a primeira senadora do Brasil; 3- Entre 24 de agosto de 1982 e 15 de março de 1985, o Brasil teve a primeira mulher ministra. Foi Esther de Figueiredo Ferraz, ocupando a pasta da Educação e Cultura; 4 - Em 1989, ocorre a primeira candidatura de uma mulher para a presidência da República. A candidata era Maria Pio de Abreu, do PN (Partido Nacional); 5 - Em 1995, Roseana Sarney tornou-se a primeira governadora brasileira. 6 - Em 31 de outubro de 2010, Dilma Rousseff (PT - Partido dos Trabalhadores) venceu as eleições presidenciais no segundo turno, tornando-se a primeira mulher presidente da República no Brasil.

Essa é uma versão mais atual, pois, se formos buscar raízes históricas, será possível ver que as mulheres já haviam feito parte da política brasileira, durante o segundo reinado em que Maria Leopoldina Josefa Carolina exerce a regência, na ausência de D. Pedro I, que se encontrava em São Paulo. Ela já demonstrava traços autoritários, como os que são percebidos pelo modo como a mídia considera a presidente Dilma Rousseff: suas ações, seu discurso.

3. ANÁLISE DISCURSIVA

3.1 Breves considerações acerca do contexto sócio-político e histórico das condições de produção

O programa dominical “Fantástico”, da Rede Globo de televisão, exibiu na noite do dia 11 de setembro de 2011 uma entrevista concedida pela presidente Dilma Rousseff à jornalista Patrícia Poeta, exatamente após completar nove meses de governo e em um período de crise financeira mundial.

Esse fato parece se revestir de história e ser viável para análise de discurso, uma vez que podemos fazer uma leitura interpretativa, quando nos perguntamos se essa não foi uma forma de se referir à mulher que gera uma criança durante nove meses, visto que esse foi o período inicial de governo até a data da entrevista. Além do que o Brasil

demonstra o nascimento de uma economia sólida e fortificada. E ambas as circunstâncias nos fazem refletir como a mídia televisiva tem transmitido informações a respeito da primeira mulher na Presidência da República.

Então, a entrevista tinha como objetivo discutir o combate à corrupção e a troca de Ministros, mas esse não foi o único tema debatido. A sociedade brasileira assistiu a um programa de TV que assume a posição de um sujeito objetivo e crítico, colocando-se no lugar do sujeito de discurso que zela pela verdade a ser transmitida aos telespectadores. A mídia, ao exercer esse papel, busca mostrar os desmandos políticos, principalmente aqueles voltados para o gasto com o dinheiro público. Portanto, temos um exemplo de FD, ao mostrar que a mídia realmente está exercendo seu papel, prestando um serviço de certificar a verdade para o público, visto que o sentido está em expor a corrupção, que toma conta do governo PT.

A Presidente Dilma, nos últimos meses, vem tentando “arrumar a casa”, discurso muito utilizado pela mídia ao falar da constante troca de Ministros no atual governo, os quais, vez por outra, são acusados de corrupção. Assim, os seus adversários políticos não deixam tal situação passar em branco.

A Rede Globo, uma emissora de poder e de influência, considerada a terceira maior empresa televisiva mundial, não esconde sua preferência partidária, pelo menos é isso que deixa transparecer para o público em seus discursos. Sempre esteve do lado que hoje é oposição ao governo, no caso, o PSDB, e segue de certa forma a ideologia desse partido. Colocando-se sempre na pele de um sujeito defensor, mesmo que, mascaradamente, dos ideais políticos de um partido que foi liderado por FHC (Fernando Henrique Cardoso), ex-presidente do Brasil, que, segundo dizem, “defendia” a economia. É tanto que foi criador do Plano Real, ainda no governo Itamar Franco, ou seja, esse canal de televisão segue os ideais de uma elite, cujo dinheiro é o próprio poder, o capital.

Por outro lado, o PT, que sempre foi oposição, defensor em tese dos pobres e trabalhadores, hoje está no poder, tendo no comando uma mulher, que inclusive já foi guerrilheira durante a ditadura. E o que faz esta emissora de TV? Tenta mostrar para o público como anda esse governo, depois de mais de oito anos, em que teve à frente o ex-presidente Lula (Luís Inácio Lula da Silva) e que agora conta com uma representação feminina.

Por ser uma entrevista extensa, optamos por analisar alguns trechos que servirão de base para que possamos construir um entendimento acerca do discurso da mídia expõe sobre a primeira mulher na presidência do Brasil.

3.2 Posição discursiva - A mulher – Dilma Rouseff

O recorte dado ao corpo da entrevista, feita por Patrícia Poeta à Presidente, refere-se ao Trecho I, que tem como propósito falar da intimidade da Presidente em sua casa, comentando sobre família, empregados, saúde, enfim, temas voltados para o lar, em que o sujeito é visto como um respeitado chefe de casa. Ao analisarmos esse fator, como sendo uma condição feminina, presente na sociedade, e que vem de longa data, veremos que, na história, a mulher esteve sempre presente nas atividades do lar, pois a atividade do homem sempre foi o trabalho fora, às vezes tido como pesado, por exemplo, se retomarmos fatos da história: na sociedade indígena, os homens saíam para caçar e pescar e as mulheres ficavam responsáveis pelos afazeres da casa, cuidando dos filhos e do lar. E é aí que observamos uma mudança nas relações e organização da família, como tendência do mundo moderno: hoje ambos saem para o trabalho e em alguns casos chegam a dividir as tarefas em casa. Assim, o comportamento dos dois segue um padrão de vida variado e, ao mesmo tempo, sem deixar de acompanhar certas características que lhes são próprias. Leiamos o Trecho I abaixo em que a mídia retrata uma característica feminina:

Trecho - I

Patrícia: É impressão minha ou a senhora tem usado mais saia, mais vestidos?

Dilma: Ah, eu tenho usado.

Patrícia: Hoje, por acaso, a senhora não está usando, mas eu tenho visto.

Dilma: Eu tenho usado mais saia do que antes. Eu poderia continuar usando só calça comprida, mas eu acho que pelo fato de eu ser mulher tem horas que eu tenho de afirmar essa característica feminina.

Ao lermos essa parte da entrevista, compreendemos que a mídia representada por Patrícia Poeta, questiona a Presidente sobre o uso mais frequente de saias e vestidos. Essa é uma pergunta que nos faz pensar a respeito de um termo cultural bem forte em nossa sociedade, já que as mulheres costumam usar saias e vestidos, tendo-os como acessórios indispensáveis em seus guarda-roupas. As calças, antes exclusivamente vestuário masculino, passam a ser popularmente usadas por mulheres a partir da revolução industrial, período no qual elas usavam calças para trabalhar. Acredita-se que esse seja um discurso “machista”, pois afirma que mulher tem que exercer características femininas, como bem afirma a Presidente. Mas é possível observarmos que a presidente Dilma, no momento da entrevista, trajava um tailleur: calça e palitô femininos, pois estava indo para o trabalho (discurso pensando no lugar que representa de mulher brasileira). Isso demonstra que essa mulher que está no poder, para demonstrar que se trata de um sujeito feminino, tem que usar saias e vestidos, afirmando-se com essa característica. E é visto que, antes, esse sujeito não usava esse tipo de roupa com frequência, mas, como o momento exige, ele o faz. Vejamos um segundo trecho da entrevista, em que o sujeito Dilma se coloca como uma mulher que se preocupa com o físico, ou seja, com a estética do corpo, o que leva ao bem-estar, saúde.

Trecho – II

***Patrícia:** Como é que está a sua saúde?*

***Dilma:** A minha está boa. Agora, estou tentando, como sempre, emagrecer.*

***Patrícia:** Mas a senhora pretende emagrecer quantos quilos? O sonho de consumo?*

***Dilma:** Ah, não é muito, uns quatro, cinco quilos.*

O discurso que segue nesse trecho da entrevista tem como ponto de partida a saúde, mas fica evidente, nesse enunciado, que o sujeito mulher e presidente vê “emagrecer” como importante, deixando entender que perder alguns quilos a deixará mais saudável, demonstrando em seu discurso que as mulheres querem sempre seguir um padrão social de beleza, conservando a estética do corpo. Assim, os discursos sobre como manter o corpo têm um histórico que envolve questões políticas, sociais e

culturais. Como bem afirma Foucault (2009), o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhes sinais. Observamos que o corpo é um lugar social de forte representação do discurso; nesse caso, a mídia produz um discurso muito comum ao público feminino. E a Presidente Dilma Roussef como representante da mulher não poderia agir diferente, pois a política do corpo exige toda uma elaboração social e cultural, seguindo uma convenção.

Por se tratar de uma entrevista gravada, as informações e as perguntas já deveriam ser de conhecimento da presidente ou da sua assessoria, assim, a presidente saberia o que dizer. E, conforme já relatado anteriormente, Pêcheux (1988 apud DANTAS, 2007, p.53) afirma que as formações ideológicas “comportam uma ou mais formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito... Diremos, então, que toda formação discursiva deriva de condições de produção específicas”. Diante do sistema cultural que envolve este falante, é possível observar que as formações discursivas se situam em um conflito, pois a mídia tenta mostrar a mulher presidente como mulher.

3.3 Posição discursiva – A mulher Presidente Dilma Roussef

Como podemos observar, a primeira parte da entrevista esteve situada na residência presidencial. Agora, a presidente Dilma recebe a jornalista em seu local de trabalho, o Palácio do Planalto. Nesse instante, os temas da entrevista deixam de lado o sujeito dona-de-casa e passa a tratar de problemas que envolvem o governo PT, que tem uma mulher no comando, tendo sido sempre representado por homens. Vejamos só um dos trechos dessa entrevista:

Trecho – III

***Patrícia:** Agora, presidente, vamos esclarecer algo que virou meio lenda aqui, que é o jeitão da presidente, que é o estilo. A senhora é durona mesmo?*

***Dilma:** Uma vez eu disse e ninguém entendeu. Eu disse achando que eu estava fazendo uma ótima piada. É que eu sou a única mulher dura cercada*

de homens todos meigos aqui. Nenhum é duro, nenhum é tranquilo e firme, então, é uma coisa absurda. Só porque eu sou mulher e estou em um cargo que, obviamente, é de autoridade, eu tenho que ser dura. Se fosse um homem, você já viu alguém chamar... Aqui no Brasil alguém falar: 'Não, fulano está num cargo e ele é...

Patrícia: *Durão.*

Dilma: *...uma pessoa durona, não. Homem pode ser durão, mulher não.*

A presidente, questionada pela jornalista Patrícia Poeta a respeito do seu jeito “durão”, questiona que mulher não pode ter um jeito durão. Vê-se que, exercendo um cargo de poder, esse sujeito se mostra com pulso forte, pois é um sujeito mulher entre homens, que geralmente são vistos como mais autoritários do que as mulheres. É como se o discurso autoritário fosse apenas direcionado para o homem e para a mulher não, pois esta deve ser serena e tranquila, tudo como nos informa a simbologia histórica do discurso feminino em que a mulher deve ser bem comportada, baixando a cabeça diante do discurso autoritário do homem.

E, nesse caso, por ser mulher, esse sujeito deve se colocar como um indivíduo que não pode se impor, entretanto, age dessa forma pela exigência do cargo, mantendo uma impressão de rigidez, característica comum ao público masculino, que, de forma alguma, seria bem visto pela sociedade um homem não ter pulso firme.

E, no que se refere à corrupção, a mídia busca fazer uma relação sobre o que o homem faria em uma situação como essa e o que a mulher faz, ou seja: quais seriam as atitudes desse sujeito para combater esse mal? Assim, na fala abaixo, podemos constatar que o sujeito jornalista tenta provocar o sujeito presidente, para tirá-lo do sério com perguntas sobre corrupção, conforme o Trecho-IV.

Trecho – IV

Patrícia: *A senhora não imaginava, por exemplo, que fosse ter que trocar quatro ministros em tão pouco tempo, três deles, pelo menos, ligados a denúncias de corrupção, esperava isso?*

Dilma: *Olha, Patrícia, eu espero nunca trocar nenhum ministro e muitos deles eu não troquei exatamente por isso. Vamos e venhamos. O ministro Jobim, Nelson Jobim, saiu por outros motivos.*

Patrícia: *Mas os outros três...*

Dilma: *Eles ainda não foram julgados, então não podem ser condenados.*

Patrícia: *Mas isso foi faxina ou não foi, presidente?*

Dilma: *Eu não acho, eu acho a palavra faxina errada, porque faxina você faz às 6h da manhã, e às 8h, ela acabou. Atividade de controle do gasto público, na atividade presidencial, jamais se encerra.*

Patrícia: *Por que a senhora acha que nesses oito anos e oito meses do governo de PT, eles não foram capazes, não foram suficientes para acabar com a corrupção, já que essa é uma das bandeiras do partido?*

Dilma: *Minha querida, a corrupção ela não... Por isso que não é faxina, viu, Patrícia? Você não acaba com a corrupção de uma vez por todas. Você torna ela cada vez mais difícil.*

O tema corrupção está no desenrolar desta conversa, na qual, como podemos perceber, ocorre um confronto. O sujeito representante da mídia provoca a Presidente sobre a troca de vários ministros no governo PT no período em que a Presidente se encontra no poder. Daí esse sujeito ter se evidenciado como durão, pois troca de ministro quando precisa, mas a presidentenão os considera corruptos, por não ter sido comprovado nada contra eles, afirmando que os referidos ministros ainda não foram julgados, então não podem ser condenados. Percebemos um discurso voltado para o sujeito jurídico, que se respalda na lei, que diz que ninguém é culpado até que se prove o contrário. E, conforme já citado, observamos em Orlandi (2005) que essa é uma característica do sujeito moderno capitalista, que é livre, determinado e determinador do que diz, condição de responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito a direitos e deveres). Para isto, basta ter poder. E, por ser um sujeito que detém o poder, está livre para exercer a sua condição, no caso, agindo na autoridade de uma presidente.

É possível acreditar que o sujeito partidário se enuncia, já que o ex-ministro Nelson Jobim também foi ministro no governo FHC, e talvez não aceite essa forma de condução do PT e, nesse caso, torna-se um sujeito opositor, apesar de a presidente afirmar que ele saiu do governo por outros motivos, ou seja, não foi corrupção, o que deixa transparecer em interpretações. Lembrando que o ex-ministro havia feito declarações impróprias ao governo, informa o “site UOL”, em 04/08/2011, que Dilma ficou irritada com as últimas declarações de Jobim à revista "Piauí", quando o agora ex-ministro chamou de “atrapalhada” a política do governo para divulgação de dados sigilosos e chamou a ministra das Relações Institucionais, Ideli Salvatti, de “fraquinha”.

Ele disse ainda que a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, “nem sequer conhece Brasília”. Portanto, esse ministro não saiu por causa da corrupção, mas por envolver sujeitos que foram escolhas da presidente. Temos um caso simbólico (a constante troca de ministros) e Fernandes (2007) ressalta que o discurso constitui-se da dispersão de acontecimentos e discursos outros, historicamente marcados, que transformam e modificam-se.

Nesse “jogo de formações discursivas”, encontramos um sujeito que, em um discurso crítico ao governo presidido por uma mulher, se mostra contra a política conduzida por ela. Além de que o sentido desse sujeito opositor está em mostrar que o sujeito presidente não sabe fazer boas escolhas e que, por ser mulher, talvez a sua preferência feminina fosse tida como “fraquinha” para seu governo. Lembrando que ele sempre foi oposição ao governo PT, já que apoiava o PSDB.

No que concerne aos outros três ministros, retirados do governo, a presidente é questionada com o termo “faxina”: o sujeito é colocado em seu lugar no que diz respeito à intolerância diante da corrupção nos ministérios em Brasília, ou seja, por ser mulher, a imprensa a caracteriza de faxineira, no sentido de mostrar que a mulher é responsável por fazer a limpeza da casa (ministérios). A Revista Língua Portuguesa de outubro de 2011, introduziu uma matéria a respeito desse assunto, em que o termo “faxina” é atribuído pela imprensa para a posição feminina da presidente, diante da sujeira da corrupção. E a revista ainda diz que se pudéssemos equacionar a metáfora na qual a mídia insiste, desde agosto, para designar a ofensiva presidencial, teríamos: “sujeira=corrupção”, “faxina=devassa”.

Desse modo, temos um exemplo de um lexema que é historicamente marcado no social, cujos efeitos de sentido se evidenciam através do espaço da enunciação, a mídia. No entanto, não é a primeira vez que se utilizam lexemas para se referir aos conflitos sociais decorrentes dos espaços da enunciação. Fernandes (2007) cita como exemplo os lexemas “invasão” e “ocupação”, ao se referir ao movimento dos trabalhadores rurais Sem-Terra, em que ambos os termos se referem à mesma ação, mas o primeiro é empregado por aqueles que se opõem aos Sem-Terra, normalmente usado por jornais e revistas, enquanto o segundo lexema é empregado pelos próprios Sem-Terra, e por aqueles que os apoiam e os defendem.

Segundo Fernandes (2007, p. 19), as escolhas lexicais revelam a presença de ideologias que se opõem, revelando igualmente a presença de diferentes discursos, que, por sua vez, expressam a posição de grupos de sujeitos acerca de um mesmo tema.

E, nesse caso, podemos observar que os lexemas mencionados pela revista *Língua Portuguesa* vão além de uma denotação, comprovando que os discursos não são fixos, pois acompanham as transformações sociais e políticas. Conforme a revista *Língua Portuguesa*, o termo “Faxineira” como vocábulo presidencial embute uma visão sobre as atribuições femininas, afirmando que:

Homens, como se sabe, não fazem faxina na política. Nem quando fazem da metáfora da limpeza o eixo de sua campanha eleitoral, como Jânio Quadros em 1960 (“Varre, varre vassorinha! / Varre, varre a bandalheira! / Que o povo já tá cansado / De sofrer dessa maneira (...)”, entoava seu jingle). Décadas depois, Fernando Collor escorou sua candidatura a presidente, em 1989, no mesmo eixo de limpeza na máquina de Estado. Sendo homem, cabia a ele, “caçar” marajás do enriquecimento a custa do erário. *Revista Língua Portuguesa*. (out. 2011, p. 17).

Na história, fica comprovado que homens no cargo de presidente não fazem faxina na política, pois, segundo a revista, homens podem limpar, desinfetar, enxaguar, caçar, nunca promover uma limpeza doméstica. O discurso sobre a corrupção não é algo tão novo, mas, quando atribuído à mulher, os sentidos se evidenciam, já que, na história e culturalmente fica a cargo da mulher a faxina da casa. E, nesse caso, fica evidente que ela, por ser mulher, deve fazer a “faxina” nos ministérios. Segundo Possenti (2001 apud DANTAS, 2007, p. 48), o sentido se inscreve num discurso que lhe é anterior: qualquer enunciação supõe uma posição, e é a partir dessa posição que os enunciados (palavras) recebem sentido. Então, temos um lexema marcado historicamente, já que representa a mulher como sendo responsável pela “faxina”.

A formação discursiva nunca é homogênea, já que é constituída por diferentes discursos. É possível conferir em Foucault (1995, apud FERNANDES, 2007, p. 55) que, pela história, podemos agrupar uma sucessão de acontecimentos dispersos, relacioná-los a um único princípio organizador. O discurso sobre a mulher fazer “faxina” e o homem não nos fazem pensar em um princípio “machista” de que as atividades do lar são direcionadas apenas para o público do gênero feminino.

4. CONCLUSÃO

Ao analisar os discursos da mídia sobre o governo Dilma, nos deparamos com grandes desafios. Compreendemos que o discurso visa a estudar o sujeito através do seu dizer, presente em um determinado espaço. Desse modo, o lugar em que ele se posiciona muito tem a nos informar. A entrevista da presidente Dilma Rousseff ao Fantástico nos possibilitou ver o discurso de uma mulher que alcançou o cargo mais almejado por todos que estão na política, sendo a primeira mulher a governar o Brasil. O discurso da mídia nos fez perceber que realmente os discursos não são homogêneos, porém, esses discursos da mídia têm evidência na nossa história. E de início podemos citar a relação que se faz entre o período da entrevista, após nove meses de governo, e a gestação de uma mulher.

Acreditamos que nosso objetivo foi alcançado, uma vez que buscamos na história a representação feminina na política brasileira, interpretando os discursos empregados pela mídia ao sujeito em um cargo presidencial. E, diante dos discursos entrelaçados pela história e os diferentes lugares sociais, tivemos o interdiscurso, ou seja, nos referimos a formações discursivas, o que se pode dizer em uma determinada época e espaço social. Dessa forma, pudemos observar que a língua não é só usada como um objeto de comunicação, sem princípios e finalidades, mas faz com que os discursos possam se evidenciar.

Encontramos, em vários momentos da entrevista, o discurso político, em que tivemos dois lados partidários, PT e PSDB. Assim, também ficou evidenciado o discurso oposicionista, além de um discurso fraudulento, que envolve os ministros que desviam dinheiro público. Por outro lado, vimos que o discurso midiático predominou, enfatizando questões polêmicas. Tivemos a Rede Globo, cujo propósito esteve não somente em manter o telespectador informado, mas em aumentar a audiência de seu programa. Desse modo, evidenciaram-se discursos voltados para a família moderna, quando retrata a mulher em seu lar, em um novo perfil de família; discurso feminista ao se referir à mulher como uma pessoa que deve seguir um padrão de beleza por ser mulher, enfatizando o corpo e a saúde, como se, para ser saudável, a mulher tivesse que ser magra; discurso “machista”, ao atribuir as funções domésticas apenas para as mulheres.

Assim, os discursos que marcaram a entrevista envolvendo a presidente Dilma Rousseff ofereceram condições para falarmos sobre o contexto histórico em torno da

mulher na política brasileira, bem como sobre formação discursiva, pois o momento e o espaço social foram precisos para uma análise eficaz.

ABSTRACT

Knowing that the speeches are representations of reality and materialize in the words, inserting themselves in history, we in the media focus for this work. Rousseff, The President, elected by the Brazilian people in 2010, with the intention of continuing the policy of the PT (Workers Party), took a government that has always had at his command in a period of destabilization of the global economy, Brazil but with an economically sound. And to keep this policy stabilized the government needs a well-structured. Because it does not, the media with its power all the information reveals abuses of government corruption, not for ministers to change. In this context, this paper presents a corpus as a clipping of an interview given by President Rousseff to a reporter for TV Globo, in September 2011. Taking as reference, the contribution of concepts of discourse analysis, discursive formation and as a subject position, analysis of this paper aims to interpret the meaning effects of two types of discourse in confrontation: the media and the presidency. Analysis data have indicated that the speeches made against these seats occupied by the subject in dialogue, a clearly historical evidence on the representation of women.

KEYWORD: Discourse analysis. Media. Effects of sense. Female representation. Policy.

REFERÊNCIAS

DANTAS, Aloísio de Medeiros. **Sobressaltos do discurso:** algumas aproximações da análise do discurso. Campina Grande: ADUF CG, 2007.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso:** reflexões introdutórias. 2 ed. São Paulo Claraluz, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** Nascimento da prisão. 36ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 291 p.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto:** formulações e circulação dos sentidos. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4ª Ed. Campinas: Pontes, 2004.

PRADO, Braian; MATOS, Elisiane; MOREIRA; Érika; ROSA, Hortência; MATOS, Macielle; TEIXEIRA, Sylvia Maria Campos. **Os conceitos de saber, poder e discurso ideológico analisados segundo a teoria de Michel Foucault.** Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 4 - Edição 3 – Março-Maio de

2011. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/7529/6947>>.

Acesso em: 26 de maio, 2012, às 21:50.

POETA, Patrícia. **"Controle do gasto público jamais se encerra", afirma Dilma.** Rio de Janeiro: Rede Globo, 09/2011. Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL167264215605,00CONTROLE+DO+GASTO+PUBLICO+JAMAIS+SE+ENCERRA+AFIRMA+DILMA.html>>. Acesso em: 10 de outubro, 2011, às 21:00.

REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. **"Faxineira vira termo presidencial"**. Ano 7, Nº 72, out. 2011.

SAVARESE, Maurício. **Após polêmicas, Nelson Jobim deixa o Ministério da Defesa; Celso Amorim é confirmado.** Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/politica/2011/08/04/apos-polemicas-nelson-jobim-deixa-o-ministerio-da-defesa-celso-amorim-e-confirmado.jhtm>>. Acesso em: 24 de novembro, 2011, 23:30.

SUA PESQUISA.COM. **Participação das mulheres na política brasileira:** Principais conquistas das mulheres brasileiras na política do Brasil, história do Brasil. Disponível em: < http://www.suapesquisa.com/pesquisa/mulheres_politica.htm >. Acesso em: 20 de fevereiro, 2012, às 12:30.

Anexos

"Controle do gasto público jamais se encerra", afirma Dilma

Em entrevista ao Fantástico, a presidente falou em combate permanente à corrupção. Nesta quarta-feira (14), ela precisou lidar com mais uma troca de ministro.



A presidente Dilma Rousseff recebeu a apresentadora Patrícia Poeta no Palácio da Alvorada, a residência oficial da presidência. E falou sobre sua intimidade em casa.

Chegamos ao Palácio da Alvorada de manhã cedo. Um bonito dia de sol, mas com o ar muito seco: umidade a 13%. O caminho pelos jardins é longo até que a fachada do palácio se descortina. Lindo.



Logo, a presidente Dilma Rousseff aparece. Chega junto com a ministra-chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência, Helena Chagas, de um assessor e do cabeleireiro e maquiador Celso Kamura, que ela chamou de São Paulo.

Ela cumprimenta toda nossa equipe. E se mostra de bom humor.

“Você tem que ter patins para viver aqui. Ou um skate”, brinca.

Mas ela quer começar logo.

Patrícia Poeta: Agora vamos trabalhar?

Dilma Rousseff: Vamos embora. Vamos trabalhar.

Fantástico: São 9h30 da manhã, 8 de setembro, quinta-feira. O que a senhora já fez hoje? Conta para a gente.

Dilma: Eu já li todos os jornais, pelo menos a síntese dos jornais, né? Me preparei para recebê-la, o que não é pouco, né, Patrícia? E já fiz vários telefonemas, a gente começa telefonando.

Patrícia: A senhora está gostando de morar aqui, presidente?

Dilma: Olha, é muito bonito. É bom de manhã, que você pode caminhar lá fora. Tem uma grande pista que você leva... Como eu estou mais lenta, é uma hora e dez. Um palácio não é um local feito para as pessoas morarem.

Patrícia: Por isso a senhora deve usar mais a parte de cima.

Dilma: Geralmente é o que todo mundo usa para viver, um quarto e uma sala. Se tivesse uma cozinha era ótimo, mas essa cozinha eles fizeram do outro lado. Para fazer um café de noite, se você tiver de andar um quilômetro, é complicado.

Patrícia: Quem vem lhe visitar aqui no Palácio?

Dilma: Olha, Patrícia, vem a minha família basicamente.

Patrícia: Agora o espaço é grande, a senhora já teve tempo de sentar em todos esses sofás ou não?

Dilma: Olha, eu já, viu? Vou te dizer com sinceridade.

Patrícia: Já inaugurou todos, então.

Dilma: Porque quando é mais pessoas eu recebo do lado de cá, quando é menos eu recebo do lado de lá.

Patrícia: A senhora parece apreciar arte bastante.

Dilma: Eu gosto muito, Patrícia, e aqui é um lugar que você convive com isso. Tem uma tapeçaria do Di (Calvalcanti), como você pode ver. Aqui não dá pra botar muito quadro porque tem pouca parede. Mas na verdade, a parede é a natureza.

Patrícia: O que que tem a sua cara aqui, que a senhora gosta, que a senhora se enxerga?

Dilma: A biblioteca. Acho aquela biblioteca ela muito bonita também. É um local muito bom, eu gosto muito de conviver com livro. E livro. Apesar de eu ter feito um esforço e aprendi a ler no Ipad. Eu leio hoje e-books, eu gosto de página, gosto de papel,

gosto do cheiro de papel. Uma coisa de infância, sabe?

Mas em palácio presidencial, biblioteca não é só ambiente de leitura. É palco de reuniões, muitas reuniões. E ela gosta.

Dilma: Tem uma vantagem aqui, vou te explicar qual é: não tem ar-condicionado.

Patrícia: A senhora não gosta de ar-condicionado?

Dilma: Se eu puder evitar, eu não gosto de ar-condicionado. Então você abre essa cortina e abre a janela e a reunião, eu posso ficar mais tempo fazendo reunião, sem aquela coisa do ar-condicionado, que é do Planalto.

Na sala seguinte, mais revelações sobre os gostos da primeira presidente mulher da história do Brasil.

Patrícia: Como é que é acordar todo dia como presidente da República?

Dilma: É como todo mundo acorda, Patrícia.

Patrícia: E ter que escolher, por exemplo, uma roupa, tem que estar sempre muito bem alinhada, tem que se preocupar com isso também.

Dilma: Geralmente, Patricia, eu acordo cedo porque eu caminho. Ai eu volto e aí você tem de, de fato, procurar uma roupa rápido.

Patrícia: Tem alguém que escolhe as suas roupas, tem alguém que lhe ajuda nessa tarefa?

Dilma: Não. Não. É inviável, é pouco eficiente, você tem de dar conta das suas necessidades. Pelo fato de você ter virado presidente, você não deixa de ser uma pessoa e é bom que você seja responsável por tudo que diz respeito a você mesma.

Patrícia: É impressão minha ou a senhora tem usado mais saia, mais vestidos?

Dilma: Ah, eu tenho usado.

Patrícia: Hoje, por acaso, a senhora não está usando, mas eu tenho visto.

Dilma: Eu tenho usado mais saia do que antes. Eu poderia continuar usando só calça comprida, mas eu acho que pelo fato de eu ser mulher tem horas que eu tenho de afirmar essa característica feminina.

Patrícia: Pede isso, né?

Dilma: É, pede.

Patrícia: Tem tempo pra cuidar do visual, se preocupar com isso?

Dilma: Isso faz parte da minha condição de presidenta, não posso sair sem ter um

cuidado com a minha aparência.

Patrícia: Quem é que faz, por exemplo, a sua maquiagem?

Dilma: Eu mesma.

Patrícia: A senhora aprendeu a se maquiar?

Dilma: Eu sabia desde, há muitos anos, eu não maquiava porque eu não queria.

E com a deixa de mostrar mais uma tapeçaria de que gosta muito, a presidente muda de assunto. Seguimos o tour pelo palácio.

Patrícia: Sua mãe, dona Dilma Jane, e sua tia, dona Arilda, seguem morando com a senhora aqui no Palácio?

Dilma: É, é, diríamos assim que não é constante. Às vezes elas vão para Belo Horizonte. Mas eu tenho tentado fazer com que minha mãe fique aqui permanentemente.

Patrícia: Estou perguntando, porque, no ano passado, eu entrevistei as duas e elas pareciam bem animadas em viver aqui. Sua mãe disse que queria se divertir, queria assistir a um bom filme, aqui no Palácio da Alvorada.

Dilma: Mas elas estão bem.

Patrícia: Têm assistido a filme?

Dilma: Têm assistido mais a novela. A verdade é essa.

Patrícia: E a senhora assiste com elas?

Dilma: Hoje não dá. Não tenho mais tempo, mas até assisto um capítulo aqui, outro ali. E geralmente procuro assistir os últimos.

Patrícia: No Palácio do Planalto é a senhora que manda. E aqui no Palácio da Alvorada, é a senhora ou sua mãe?

Dilma: Acho que nenhuma de nós mandamos. Isso funciona por si só, viu?

O palácio tem 143 empregados. Mas a presidente conta que usa pouco do que tem à disposição. Não usa, por exemplo, as oito suítes da área privativa, nem o cinema com 30 lugares. A sala de ginástica, só vem quando chove. E a de jogos serve apenas para ela gravar seu programa de rádio.

Patrícia: A senhora não traz nem o netinho aqui para brincar?

Dilma: Ele não anda. Ele está para andar, ele engatinha.

Patrícia: A senhora tem recebido a visita dele, do seu netinho, ele vem com frequência?

Dilma: Ele está aqui.

Patrícia: Ah, eles estão aqui esta semana, né? Chegaram no final de semana passado?

Dilma: Chegaram e agora eles vão embora depois que ele fizer o aniversário que é sexta.

Patrícia: De um aninho já?

Dilma: De um aninho.

Patrícia: O que a senhora costuma fazer com ele?

Dilma: Fico o dia inteiro com ele.

Patrícia: Brinca com ele?

Dilma: Brinco, levo ele pra nadar.

Patrícia: É verdade que a senhora canta pro seu netinho de vez em quando?

Dilma: Ué, faço tudo que toda avó faz, tudo.

Patrícia: Está curtindo esse papel de avó?

Dilma: Olha, eu vou te falar, é um papel fantástico. É mãe com açúcar.

E num lugar inusitado, passando pela garagem, surge o assunto saúde. Paramos.

Patrícia: Como é que está a sua saúde?

Dilma: A minha está boa. Agora, estou tentando, como sempre, emagrecer.

Patrícia: Mas a senhora pretende emagrecer quantos quilos? O sonho de consumo?

Dilma: Ah, não é muito, uns quatro, cinco quilos.

Patrícia: Mulher quer sempre perder um pouquinho, né?

Dilma: Não, é voltar o que eu era antes da eleição.

Patrícia: E a senhora tem passado por um acompanhamento médico depois do câncer tratado?

Dilma: Olha, eu sistematicamente acompanho, mas agora é de seis em seis meses. A questão do câncer hoje é uma questão resolvida quando você consegue detectar cedo. Isso é muito importante. Se as pessoas fazem prevenção, elas têm, então, condições de detectar e tratar. Foi o que aconteceu comigo.

Aos poucos, a presidente vai nos encaminhando para cima e para fora.

Dilma: A parte que eu acho mais bonita desse palácio é você olhar ele de lá pra cá. Meu neto fala... A primeira palavra que eu acho que ele falou é ema.

Além do netinho presidencial, o palácio hospeda hoje outros nove bebês. Filhotes de emas que nasceram na semana passada.

Dilma: Tem uma chocando. É um emo que choca.

Aproveito para a última pergunta que eu queria fazer antes de falarmos de política.

Patrícia: Qual o seu prato preferido?

Dilma: Arroz, feijão, bife, batata frita e salada de tomate com alface, que era isso que eu comi com a minha infância.

Patrícia: Agora quem é que cozinha pra senhora aqui?

Dilma: Tem um chefe, tem um cozinheiro, é ele que cozinha.

Patrícia: A senhora sabe cozinhar?

Dilma: Eu sei. Algumas coisas eu faço direito; outras, não.

Patrícia: Eu sei uma coisa que a senhora sabe fazer.

Dilma: Uma sopa de beterraba.

Patrícia: Mas tem uma outra coisa que a senhora sabe fazer bem.

Dilma: O quê?

Patrícia: Omelete.

Dilma: Ah, omelete. O problema meu com omelete é que ele gruda. Eu não sou boa de omelete, não. Sou boa de ovos revueltos (ovos mexidos).

Ela avança mais um pouquinho. Fica claro o motivo. São 10h30 da manhã. Normalmente ela sai para o trabalho às 9h.

Dilma: Você já notou que eu comecei a ficar indócil, não é?

Patrícia: Já, reparei pela perninha, já reparei.

Dilma: Estou indócil.

Patrícia: Está na hora de ir para o Palácio do Planalto, certo?

Dilma: Certíssimo.

Patrícia: A gente pode acompanhar a senhora até lá?

Dilma: Com o compromisso de serem bem rápidos.

Patrícia: Está certo, temos um acordo, então.

Dilma: Temos um acordo, então.

O trajeto entre os Palácios da Alvorada e do Planalto - a casa e o trabalho da presidente da República - leva quatro minutos. É ela quem faz questão de me destacar esse detalhe de eficiência e rapidez. Duas qualidades que aprecia muito.

Patrícia Poeta: Aqui é o gabinete da presidência da República, certo?

Dilma Rousseff: É verdade.

Patrícia: A senhora senta em frente à mesa para reuniões com os ministros. As obras que a senhora fez questão de trazer de Djanira, né?

Dilma: Uma homenagem à mulher, uma das maiores pintoras desse país.

Patrícia: E eu vi que tem também uma fotinho do seu neto na sua mesa.

Dilma: Tem uma fotinho da minha filha e do meu neto.

Perguntamos à presidente sobre a importância das mulheres no seu governo. Em especial das ministras Gleisi Hoffmann, Miriam Belchior e Ideli Salvatti.

Patrícia: O comando político tem três mulheres. Como é que tem funcionado esse clube?

Dilma: Eu acho que é sempre bom combinar homens e mulheres, porque nós todos somos complementares. A mulher, eu acho, que ela é mais analítica, ela tem uma capacidade maior de olhar o detalhe, de procurar aquela perfeição, uma certa... Nós somos, assim, mais obcecadas.

Patrícia: E os homens?

Dilma: os homens têm uma capacidade de síntese, dão uma contribuição no sentido de ser mais, eu diria assim, objetivos no detalhe, eles sintetizam uma questão, a mulher analisa. Então, essa complementaridade é muito importante.

Dilma: Mulher é carinhosa, cobra e tem uma coisa que eu acho fundamental, a generosidade. Você tem que cobrar, tem que ficar ali em cima, mas tem horas que você tem que ser generosa também. Mulher é capaz, porque, senão, não educava filho.

Patrícia: Agora e as reuniões com elas, como é que são? São mais descontraídas, são

mais duras? A senhora estava fazendo uma comparação em relação aos homens.
Dilma: Não, não, eu acho que é muito similar.

Patrícia: Em uma reunião dessas, por exemplo, tem um momento mais mulher? Bolsa, sapato, filho, neto?

Dilma: Tem não.

Patrícia: Tem não. Nem no cafezinho?

Dilma: Na verdade, não tem, viu? Não. Tem neto, viu? Agora que tem uma quantidade de gente com neto e todo mundo quer mostrar o seu atualmente.

Patrícia: Agora, presidente, vamos esclarecer algo que virou meio lenda aqui, que é o jeitão da presidente, que é o estilo. A senhora é durona mesmo?

Dilma: Uma vez eu disse e ninguém entendeu. Eu disse achando que eu estava fazendo uma ótima piada. É que eu sou a única mulher dura cercada de homens todos meigos aqui. Nenhum é duro, nenhum é tranquilo e firme, então, é uma coisa absurda. Só porque eu sou mulher e estou em um cargo que, obviamente, é de autoridade, eu tenho que ser dura. Se fosse um homem, você já viu alguém chamar... Aqui no Brasil alguém falar: 'Não, fulano está num cargo e ele é...'

Patrícia: Durão.

Dilma: ...uma pessoa durona, não. Homem pode ser durão, mulher não.

Patrícia: A senhora acha, então, que é pelo fato de a senhora ser mulher?

Dilma: É, e eu sou uma pessoa assertiva. Que nesse cargo que eu ocupo, eu tenho que exercer a autoridade que o povo me deu.

Dilma: Eu tenho que achar que podemos sempre ser um pouquinho mais, que vamos conseguir um pouquinho mais, e que vai sair um pouco mais perfeito e que a gente vai conseguir. Se eu não fizer isso, eu não dou o exemplo e as coisas não saem.

Patrícia: E vale bronca nessa hora, por exemplo?

Dilma: Olha, a bronca faz parte e é uma bronca meiga. É aquela...

Patrícia: Dá um exemplo para gente.

Dilma: 'Isso não está certo, não pode ser assim'.

Patrícia: Nesse tom?

Dilma: Ah, é, é esse tom. 'Não está certo e não pode ser assim'.

Patrícia: O que tira a senhora do sério?

Dilma: Eu vou te falar, eu acho que quando a gente não deu o melhor de si, me tira do sério.

Patrícia: Aí, a senhora vai lá e cobra e é aí que entra bronca.

Dilma: Mas sabe o que é? Eu cobro de mim também.

Patrícia: E quando falam, assim, do seu temperamento, isso incomoda a senhora de alguma forma ou não, a senhora não está nem aí para isso?

Dilma: Sabe o que é, Patrícia? Ossos do ofício. Tem vários ossos do ofício de ser presidente. Um é esse. O caso, por exemplo, da luta contra a corrupção é osso do ofício da presidência, ou seja, é intrínseco à condição de presidente zelar para que o dinheiro público seja bem gasto. Depois, eu tenho uma responsabilidade pessoal também nessa direção.

Patrícia: A senhora não imaginava, por exemplo, que fosse ter que trocar quatro ministros em tão pouco tempo, três deles, pelo menos, ligados a denúncias de corrupção, esperava isso?

Dilma: Olha, Patrícia, eu espero nunca trocar nenhum ministro e muitos deles eu não troquei exatamente por isso. Vamos e venhamos. O ministro Jobim, Nelson Jobim, saiu por outros motivos.

Patrícia: Mas os outros três...

Dilma: Eles ainda não foram julgados, então não podem ser condenados.

Patrícia: Mas isso foi faxina ou não foi, presidente?

Dilma: Eu não acho, eu acho a palavra faxina errada, porque faxina você faz às 6h da manhã, e às 8h, ela acabou. Atividade de controle do gasto público, na atividade presidencial, jamais se encerra.

Patrícia: Por que a senhora acha que nesses oito anos e oito meses do governo de PT, eles não foram capazes, não foram suficientes para acabar com a corrupção, já que essa é uma das bandeiras do partido?

Dilma: Minha querida, a corrupção ela não... Por isso que não é faxina, viu, Patrícia? Você não acaba com a corrupção de uma vez por todas. Você torna ela cada vez mais difícil.

Patrícia: É possível ter um governo equilibrado, um governo estável, tendo a base aliada que tem no Congresso? A minha pergunta é a seguinte: a senhora acha que a senhora pode ficar refém dos aliados?

Dilma: Mas eu não acho, Patrícia, que eu sou refém.

Patrícia: Nem que pode ficar?

Dilma: Nem acho. Tem de ter muito cuidado no Brasil para a gente não demonizar a política. Nós temos uma discussão de alto nível com a base, com a nossa base, e nós vamos...

Patrícia: E como que a senhora controla esse toma lá da cá, digamos assim, cada vez mais sem cerimônia das bancadas? Como é que a senhora faz esse controle?

Dilma: Você me dá um exemplo do "da cá" que eu te explico o "toma lá". Estou brincando contigo. Vou te explicar. Eu não dei nada a ninguém que eu não quisesse. Nós montamos um governo de composição. Caso ele não seja um governo de composição, nós não conseguimos governar. A minha base aliada, ela é composta de pessoas de bem. Ela não é composta, não é possível que a gente chegue e diga o seguinte: "Olha, todos os políticos são pessoas ruins". Não é possível isso no Brasil. Vou tomar uma água.

Intervalo para um copo d'água. É rápido. Depois de falar sobre corrupção, a demissão de três ministros, certamente os piores momentos que enfrentou até aqui, pergunto sobre os acertos.

Patrícia: Qual que a senhora acha que foi, nesses oito meses, o seu maior acerto?

Dilma: Nesses oito meses? Deixa eu pensar. Por que eu estou pensando? Porque eu não posso te dar várias. Porque eu acho que algumas coisas eu acertei bastante. Eu vou falar, eu acho que foi muito acertado, logo de início, ter entregue os remédios de graça. Sabe por que eu estou falando isso? Porque eu acho que a pessoa que não tem dinheiro para comprar um remédio que precisa, acho que é um drama humano violento. Aqui nessa mesa, nós decidimos que a gente ia garantir e assegurar para todas as pessoas do Brasil que sofrem de diabetes e pressão alta, que a gente ia assegurar o acesso ao medicamento de graça. Porque nós somos o único país que faz isso nessa proporção. Por isso que eu tenho orgulho disso. Podia dar uma segunda?

Patrícia: Pode, vou deixar a senhora, já que eu roubei o seu tempo lá no Palácio da Alvorada, a senhora tem crédito comigo. Pode dar a segunda.

Dilma: Olha, Patrícia, eu fico muito orgulhosa de uma outra coisa. É outra coisa que não é assim grande, mas para mim é importante. É importante reduzir imposto. Então, eu gostei de fazer isso. Para quem? Para o super simples e para o MEI.

Em abril, a presidente reduziu impostos pagos pelos microempreendedores individuais, chamados MEI. E em agosto, propôs a diminuição dos impostos das pequenas empresas.

Dilma: Então eu acho que são as duas coisas que eu mais me orgulho, entre outras. Se você deixar, eu penso em mais umas dez. Nós tiramos 40 milhões de pessoas da pobreza. Essas pessoas são hoje da classe média. O meu maior compromisso é garantir para esses 40 milhões, mais os outros que já usavam, garantir educação pública de qualidade, saúde de qualidade e segurança pública de qualidade.

Já que a presidente tinha acabado de falar em redução de impostos, em seguida, pergunto sobre o novo debate nos meios políticos: a possível volta da CPMF, o

chamado imposto sobre o cheque. A presidente logo esclarece:

Dilma: Eu sou contra a CPMF, hein.

Patrícia: A senhora acha que a gente precisa de um imposto, de mais um imposto, para ter um atendimento de saúde melhor?

Dilma: Sabe por que a população é contra a CPMF? Porque a CPMF foi feita para ser uma coisa e virou outra. Acho que a CPMF foi um engodo nesse sentido de usar o dinheiro da saúde e não para saúde.

Patrícia: Está falando que foi desviado?

Dilma: Foi, foi. O dinheiro não foi usado onde devia. Nós, na saúde pública do país, gastamos 2,5 vezes menos do que na saúde privada. Um país desse tamanho, o maior país da América Latina, com a maior economia da América Latina, gasta 42% menos na saúde do que a Argentina.

Dilma: Para dar saúde de qualidade, nós vamos precisar de dinheiro, sim. Não tem jeito, tem de tirar de algum lugar. Agora, o Brasil precisará aumentar o seu gasto com saúde. Inexoravelmente.

Patrícia: Isso seria quando?

Dilma: O mais rápido possível.

Patrícia: Outra polêmica recente: houve interferência da presidente na decisão do Banco Central de reduzir a taxa básica dos juros em 0,5%.

Patrícia: A senhora não interferiu, nem de leve, nesse caso?

Dilma: Não, nós não fazemos isso. Nós estávamos dizendo naquela oportunidade é que a crise econômica, quando se aprofundou ali por agosto, ela criou uma nova conjuntura internacional. É esta conjuntura internacional que cria a diferença e não nós interferindo no Banco Central.

Patrícia: E a crise econômica mundial? Que impacto a senhora acha que isso vai ter no Brasil nos próximos meses?

Dilma: Nós temos um mercado interno crescente e vamos combater essa crise crescendo.

Patrícia: Que a indústria nacional vem freando, dando uma estagnada.

Dilma: Pois é, mas veja, a indústria deu uma diminuída em relação ao ano passado, que nós crescemos 7,5. Nós estamos esperando esse ano crescer em torno de 4. Nós, até julho, nós geramos 1,5 milhão de empregos. Se fosse nos EUA ou na Zona do Euro, qualquer país da Zona do Euro, estariam soltando foguete.

E como estamos na semana da notícia de que a inflação deu um pulo de 0,16%, em julho, para 0,37% em agosto, pergunto se esse aumento preocupa.

Dilma: A inflação é algo que sempre tem de nos preocupar, sabe, Patrícia? Você sempre tem de ter um olho no crescimento e o outro olho na inflação.

Já chegando ao fim da entrevista, a presidente não parece tão indócil, como disse estar no Palácio da Alvorada. Então, decido partir para a última pergunta.

Patrícia: A senhora acha que o Brasil vai estar preparado, vai estar pronto para a Copa do Mundo de 2014?

Dilma: Ah, tenho absoluta certeza.

Patrícia: O que faz a senhora acreditar nisso?

Dilma: Por quê? Porque nós vamos ter nove estádios ficando prontos até dezembro de 12. No máximo início de 13. Tempo de sobra para Copa.

Patrícia: Aeroportos?

Dilma: Aeroportos, nós estamos com três aeroportos em licitação, já totalmente formatada a engenharia. Vamos fazer essas licitações no final desse ano.

Patrícia: A sensação que dá para o cidadão brasileiro é que o processo tem sido lento.

Dilma: Mas eu posso te mostrar os estádios, por exemplo. Eu olhei recentemente, fizemos um balanço aqui, com o ministro Orlando Silva, ele trouxe todos estados e nós monitoramos, nós monitoramos com informações online, fotos e tudo.

Patrícia: Presidente, muito obrigada por essa conversa, por mostrar um pouco da sua intimidade para gente, por ter me recebido aqui em Brasília. Agora, chega de papo, né?

Dilma: Agora, eu vou trabalhar.

Patrícia: Vai trabalhar, presidente. Muito prazer em conhecê-la pessoalmente. Bom trabalho.

Dilma: Obrigado.

Fonte:

POETA, Patrícia. "Controle do gasto público jamais se encerra", afirma Dilma. Rio de Janeiro: Rede Globo, 09/2011. Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL167264215605,00CONTROLE+DO+GASTO+PUBLICO+JAMAIS+SE+ENCERRA+AFIRMA+DILMA.html>>. Acesso em: 10 de outubro, 2011, às 21:00.